

INFLUÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS DO COKWE NA ESTRUTURA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DO PORTUGUÊS EM ANGOLA: ESTUDO APLICADO AO MAGISTÉRIO 4 DE ABRIL DO MOXICO

MORPHOSYNTACTIC INFLUENCES OF COKWE ON THE STRUCTURE OF NOMINAL AGREEMENT IN PORTUGUESE IN ANGOLA: A STUDY APPLIED TO THE MAGISTÉRIO 4 DE ABRIL DO MOXICO

Sulemi Fabiano Campos (UFRN)¹

Abel Alcino (ISPWM)²

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as influências morfossintáticas da língua angolana cokwe na estrutura da concordância nominal do português em textos produzidos pelos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico. O estudo tem como fundamento os pressupostos da variação linguística e do contato linguístico para compreender os fenômenos de concordância nominal observados no português utilizado pelos alunos, considerando o contexto multiétnico e plurilíngue da sociedade angolana. Metodologicamente, consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo. Para a recolha dos dados, utilizou a técnica de produção textual induzida, que possibilitou a obtenção de textos produzidos pelos alunos e a subsequente análise das ocorrências linguísticas. Os resultados evidenciam que as influências morfossintáticas das línguas angolanas se manifestam na estrutura da concordância nominal do português por meio de processos de transferência linguística decorrentes do contato entre o português e o cokwe. O estudo identificou que fatores linguísticos e interlinguísticos contribuem para a realização dessas estruturas, refletindo a dinâmica sociolinguística característica do contexto angolano.

Palavras-chave: português de Angola; concordância nominal; ensino.

Abstract: This article aims to analyze the morphosyntactic influences of the Angolan language Cokwe on the nominal agreement structure of Portuguese in texts produced by students of the 4 de Abril Teacher Training College in Moxico. The study is based on the assumptions of linguistic variation and language contact to understand the phenomena of nominal agreement observed in the Portuguese used by the students, considering the multiethnic and multilingual context of Angolan society. Methodologically, this is a qualitative, descriptive research. For data collection, the induced text production technique was used, which allowed obtaining texts produced by the students and the subsequent analysis of linguistic occurrences. The results show that the morphosyntactic influences of Angolan languages manifest themselves in the nominal agreement structure of Portuguese through linguistic transfer processes resulting from the contact between Portuguese and Cokwe. It was found that linguistic and interlinguistic factors contribute to the

¹ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (Geted) do Departamento de Letras da UFRN. Membro do grupo de pesquisa LanCE (Línguas Angolanas em Contexto de Ensino) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7212-0621>. E-mail: sulemi.fabiano@ufrn.br

² Docente do Magistério 888 MCO “4 de Abril” do Moxico e do Instituto Superior Politécnico Privado Walinga do Moxico. Mestre em Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe/Angola. Pós-graduado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Afro-Brasileira (UFSC-Brasil) e em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e da Escrita (UFRN-Brasil). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (Geted) e do Grupo de Pesquisa Línguas Angolanas em Contexto de Ensino (LanCE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1395-7121>. E-mail: abelalcino10@gmail.com.

realization of these structures, reflecting the sociolinguistic dynamics characteristic of the Angolan context.

Keywords: Angolan portuguese; noun agreement; teaching.

Introdução

Este artigo visa a discutir a situação da norma e da variação da língua portuguesa em Angola, tomando como objeto de análise o comportamento linguístico dos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico observado em atividades de produção textual. O estudo procura descrever o fenômeno da concordância nominal em textos produzidos pelos alunos, buscando compreender como se manifestam determinadas estruturas morfossintáticas e em que medida elas podem ser relacionadas ao contexto de contato linguístico entre o português e a língua angolana *cokwe*. Para tanto, analisa-se a ocorrência dessas estruturas no português escrito pelos alunos, com o objetivo de compreender os mecanismos linguísticos envolvidos na sua produção.

A contextualização do problema de pesquisa decorre do cenário sociolinguístico angolano, caracterizado pela coexistência do português com diversas línguas nacionais. Nesse contexto, o ensino da língua portuguesa ocorre em uma realidade marcada pelo plurilinguismo e pelo contato linguístico, situação que favorece a circulação de traços estruturais provenientes das línguas angolanas no uso do português. Assim, a presença de estruturas associadas ao *cokwe* em textos produzidos pelos alunos constitui um fenômeno relevante para a compreensão das relações entre variação linguística, contato linguístico e ensino da língua portuguesa em Angola.

O estudo revela-se relevante para o campo da educação e dos estudos linguísticos angolanos por contribuir para a descrição e compreensão dos processos de contato linguístico que caracterizam a realidade sociolinguística do país. Considera-se que as influências das línguas angolanas integram a dinâmica de constituição do português falado em Angola, sendo, portanto, elementos importantes para a compreensão da diversidade linguística que caracteriza esse espaço.

Tendo em conta essa abordagem, o artigo procura responder às seguintes questões: de que forma as influências morfossintáticas do *cokwe* se manifestam nos textos produzidos pelos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico? Quais marcas dessas influências podem ser identificadas na estrutura da concordância nominal do português? Parte-se da hipótese de que determinadas ocorrências observadas nos textos resultam de processos de transferência linguística decorrentes do contato entre a língua portuguesa e a língua *cokwe*, manifestando-se especialmente nas relações de concordância entre os elementos constituintes do sintagma nominal.

O artigo tem como objetivo geral analisar as influências morfossintáticas do *cokwe* na estrutura da concordância nominal do português em textos produzidos pelos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico. Especificamente, busca: descrever onde e como aparecem as marcas da concordância nominal nos textos analisados; identificar as marcas das influências morfossintáticas do *cokwe* na estrutura da concordância nominal do português; e comparar as estruturas morfossintáticas da concordância nominal da língua portuguesa e da língua *cokwe*.

1 Epistemologia teórico-conceitual

Nesta seção, fundamenta-se a doutrina morfossintática sobre a qual se assenta a sustentação do *corpus* da análise do trabalho. Assim, a seção objetiva entrelaçar os conceitos de norma e variação linguística, concordância nominal no cânone da língua portuguesa e da língua *cokwe* e outros conceitos essenciais à análise do estudo.

1.1 Variação linguística e norma

No campo dos estudos linguísticos, há muito que se têm levantado diversas discussões sobre os conceitos de variação linguística e de norma. Neste artigo, pretende-se, com base em autores que trabalham os conceitos de variação e norma, a começar pelos clássicos sociolinguistas Coseriu (1959-1960) e Labov (2008) e estendendo-se, posteriormente, aos contemporâneos, entre eles, Faraco (2008), Vieira e Brandão (2009) e outros, dar conta dos conceitos de variação linguística e de norma linguística.

1.1.1 Variação linguística

A variação linguística é o processo da diversidade do uso da língua por determinada comunidade linguística. Trata-se de um processo global relativo a todas as línguas naturais, pois toda língua varia e não existe uma língua uniforme no mundo.

O olhar com pendor variacionista na língua emerge com o surgimento da Sociolinguística como ciência na década de 1960, nos Estados Unidos da América (Gomes, 2011). E ainda acrescentando, Gomes diz que:

A sociolinguística vem contribuir para a compreensão da língua, por meio de sua relação com a sociedade, de como a língua varia e muda, de acordo com os contextos e os relacionamentos sociais. Através de pesquisas, os seguintes factos linguísticos são demonstrados: as línguas servem de comunicação; as línguas estão estreitamente ligadas aos seus usuários; as línguas variam; as línguas mudam (Gomes, 2011, p. 70).

Nesse sentido, um estudo sociolinguístico vela pelas relações existentes entre a língua e a sociedade que a fala, considerando a variação, as variantes e as variáveis da língua. A esse respeito, Labov (2008, p. 221), em um tratado *a priori* aos estudos contemporâneos sobre a variação da fala na comunidade, expõe o conceito de variante nos seguintes termos:

É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma coisa”. Algumas palavras como *carro* e *automóvel* parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como *cantando* e *cantano*. Existem opções sintáticas como *Uma pessoa que eu confio muito* vs. *Uma pessoa em quem eu confio muito* ou *é fácil para ele falar* vs. *Para ele falar é fácil*. Em cada um destes casos, temos o problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística.

Assim, consideram-se variantes as diferentes maneiras de se referir à mesma situação, em um mesmo contexto de comunicação e com igual valor de verdade. Considera-se variável o conjunto de variantes (Gomes, 2011). Consequentemente, depreende-se que são variantes as diferentes formas de uso da língua para se referir à determinada realidade linguística, ao passo que variável é o estudo ou o lugar na gramática em que se localiza o fenômeno que é alvo de determinada variação.

1.1.2 Norma linguística

A expressão norma é utilizada para referir-se à norma padrão de determinada língua. Neste estudo, o ponto de iniciação para uma discussão sobre a norma e os seus contornos é Coseriu (1959-1960). O autor coloca um divisor entre as águas ao apresentar a distinção entre sistema (língua) e norma (possibilidades de realizações da língua). No dizer desse autor, a língua ou o sistema é o conjunto de possibilidades colocado à mercê dos falantes da língua que indica os caminhos fechados e abertos de realização linguística, admitindo infinitas maneiras de dizer

determinada realidade linguística. Ainda no âmbito da separação das águas conceituais entre a língua e a norma, Coseriu (1959-1960) tece que, ao contrário da língua, a norma é uma codificação da língua imposta ao indivíduo, bloqueando as possibilidades oferecidas pelo sistema linguístico e revestida de diversas obrigações e imposições socioculturais.

A expressão norma pode assumir diversas cognominações de acordo com os diferentes atributos que se lhe caracterizem. Nos estudos linguísticos, a expressão norma é tomada para se referir a cada forma de realização da língua pelos membros da comunidade. Faraco (2008, p. 42) corrobora-o ao dissertar que:

Numa síntese, podemos então dizer que norma é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos da língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. Em outras palavras, norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação. Os diferentes grupos sociais se distinguem, portanto, pelas formas de língua que lhes são de uso próprio.

Desse modo, não existe na língua uma única norma, porém, diferentes formas de realização linguística, dentre as quais se destacam a norma culta, a norma padrão e outras normas e variedades utilizadas pelos diferentes grupos sociais.

1.1.3 Contato linguístico

O contexto sociolinguístico angolano caracteriza-se pela convivência permanente entre a língua portuguesa e diversas línguas bantu, configurando uma situação de intenso contato linguístico. Em sociedades plurilíngues, os falantes recorrem simultaneamente a diferentes sistemas linguísticos, produzindo fenômenos de transferência, interferência e convergência linguística que se manifestam nos diferentes níveis da estrutura da língua.

Os estudos clássicos sobre contato linguístico têm como referência fundamental Weinreich (1953), que define o contato entre línguas como a situação em que dois ou mais sistemas linguísticos são utilizados alternativamente pelos mesmos indivíduos. Segundo o autor, a interferência linguística corresponde aos desvios em relação às normas de uma língua resultantes da influência exercida por outra língua presente no repertório do falante. Posteriormente, Thomason e Kaufman (1988) ampliaram essa perspectiva ao demonstrarem que as mudanças decorrentes do contato linguístico não dependem apenas de fatores estruturais, mas também das condições históricas, sociais e culturais em que o contato ocorre.

Nesse sentido, entendemos que interferência linguística é um fenômeno natural que ocorre entre línguas que coabitam; trata-se de um processo bidirecional no qual uma língua influencia a outra, sem que haja neutralidade ou superioridade de qualquer delas. Assim, entendemos a interferência como parte inerente às dinâmicas comunicativas em contextos plurilíngues, como é o caso de Angola.

A esse respeito, Ngunga (2004) destaca que as línguas bantu apresentam sistemas gramaticais próprios, especialmente no domínio das classes nominais e dos mecanismos de concordância, constituindo um importante elemento para a compreensão das transferências estruturais observadas nas variedades africanas do português. Para o autor, o sistema de prefixação nominal caracteriza grande parte das línguas bantu, funcionando como elemento central na marcação das categorias gramaticais de número e gênero.

No caso específico de Angola, Adriano (2015) argumenta que muitas estruturas frequentemente consideradas divergentes em relação à norma europeia refletem, na realidade, processos de acomodação linguística decorrentes do contato prolongado entre o português e as línguas nacionais angolanas. Segundo o autor, a descrição do português de Angola exige o

reconhecimento das especificidades linguísticas resultantes desse contexto plurilíngue, evitando interpretações exclusivamente normativas sobre os fenômenos observados.

Numa perspectiva semelhante, Timbane (2021) defende que as variedades africanas do português constituem sistemas linguísticos legítimos, moldados historicamente pelo contato entre o português e as línguas africanas. O autor observa que a coexistência desses sistemas favorece processos de transferência linguística e de reconfiguração estrutural, produzindo traços próprios que caracterizam as variedades africanas da língua portuguesa.

Por sua vez, Lucchesi (2015), ao analisar os efeitos do contato entre línguas na formação histórica do português brasileiro, demonstra que a convivência prolongada entre grupos linguísticos distintos pode gerar processos de convergência estrutural e de transmissão linguística irregular. Embora o autor se concentre no contexto brasileiro, suas reflexões contribuem para compreender situações semelhantes verificadas em Angola, onde o português se desenvolve em permanente interação com as línguas bantu.

As ocorrências observadas neste estudo podem ser compreendidas não apenas como fenômenos de variação linguística, mas também como resultados dos processos de contato linguístico estabelecidos entre o português e o *cokwe*. As estruturas identificadas nos textos dos alunos refletem mecanismos de transferência e acomodação linguística produzidos pela coexistência prolongada desses sistemas no contexto sociocultural angolano.

1.2 Concordância nominal em abordagens gramaticais e linguísticas

A concordância é, entre os vários processos gramaticais de correlação frásica, um dos fundamentais, pois a sua rede de relações engloba tanto os sintagmas que constituem o sujeito quanto os sintagmas que constituem o predicado da frase. O estudo da concordância, de modo global, aparece ora apenso à sintaxe, ora à morfologia; e outras vezes é apresentando como um assunto à parte dessas duas áreas dos estudos linguísticos.

Para Bechara (2009, p. 543), “Em português a *concordância* consiste em adaptar a palavra determinante ao gênero, número e à pessoa da palavra determinada”. A concordância é o processo de harmonização dos elementos da frase. Nesse viés, as relações entre sintagmas desembocam em dois processos de concordância, nomeadamente, a concordância verbal e a concordância nominal. Nesse caso, dado o objeto de estudo do artigo de pesquisa, interessa abordar a concordância nominal.

Há diversos teóricos que se ocupam do conceito da concordância nominal, assim como do seu estudo, porém, para a estrita situação deste estudo, optou-se pelo conceito de Vieira e Brandão (2009), por apresentarem o conceito mais abrangente e bastante elucidatório à luz da abordagem pretendida. Portanto, as autoras em voga dissertam que:

Concordância nominal é como, tradicionalmente, se denomina a reiteração do mesmo conteúdo morfológico (categoria de gênero e/ou de número) de um nome no (s) determinante (s) (artigo, demonstrativo, possessivo), quantificador (es) e/ou adjetivo (s) a ele inter-relacionado (s) sintática e semanticamente, o que funciona, por vezes, como uma marca explícita ou redundante dessa interdependência (Vieira; Brandão, 2009, p. 57).

A concordância nominal é o processo de harmonização dos elementos que constituem os sintagmas nominais da frase e do texto, tomando, dessa maneira, o mesmo conteúdo morfossintático nas categorias de gênero e de número entre os termos determinantes e os termos determinados.

1.2.1 Categoria de número na estrutura da língua portuguesa

Em língua portuguesa, a categoria gramatical de número consiste na correlação de morfemas. Geralmente, o singular é caracterizado pela ausência de morfema e o plural é caracterizado pela redundância de morfema. Camara Jr. (1999, p. 84) corrobora a ideia apresentada acima ao referir que:

Os nomes são vocábulos suscetíveis das flexões de gênero e número (apresentados nesta ordem). O gênero, que condiciona uma oposição entre forma masculina e forma feminina, tem como flexão básica um sufixo flexional, ou desinência -a (átomo final) para a marca do feminino. A flexão de número, que cria o contraste entre forma singular e forma plural, decorre da presença, no plural, de um sufixo flexional, ou desinência /S/, com que a última sílaba do nome passa a terminar. Assim, o masculino e o singular se caracterizam pela ausência das marcas de feminino e de plural, respectivamente, como peru, masculino singular; perus, masculino plural; perua, feminino singular; peruas, feminino plural. Em outros termos, pode-se dizer que ambos são assinalados por um morfema gramatical zero (∅).

Na língua portuguesa, a categoria gramatical de número é marcada pela oposição entre singular e plural. Em termos morfológicos, o singular caracteriza-se, de modo geral, pela ausência de marca explícita de número (morfema zero), enquanto o plural é indicado pela presença do morfema flexional -s ou de suas variantes fonológicas e ortográficas. Assim, palavras como *pupilo*, *animal* e *gramática* apresentam-se no singular sem marca morfológica específica de número, ao passo que suas formas plurais, *pupilos*, *animais* e *gramáticas*, recebem a marca de plural. Esse mecanismo evidencia que a concordância nominal em número na língua portuguesa se realiza pela repetição da marca flexional de plural nos elementos que compõem o sintagma nominal, constituindo um dos principais recursos de harmonização morfossintática da língua.

1.2.2 Categoria de gênero na estrutura da língua portuguesa

Na estrutura da língua portuguesa, a categoria de gênero é marcada pela oposição entre o masculino e o feminino. Como bem se observou no trecho transcrito acima, cuja proposta se retoma a seguir, a forma feminina é marcada pelo morfema flexional “a” na última sílaba da palavra, indicando que a palavra está fletida no gênero feminino. Já o gênero masculino caracteriza-se pela ausência de morfema, o que costuma chamar-se de morfema zero no estudo da língua. Assim, sublinha-o Camara Jr. (1999, p. 88-89) ao dizer que:

O mais que podemos dizer, porém, em referência ao gênero, do ponto de vista (*sic*) semântico, é que o masculino é uma forma geral, não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (*jarra* é uma espécie de «jarro», *barva* um tipo especial de «barco», como *ursa* é a fêmea do animal chamado *urso*, e *menina* uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como o de «menino»).

Na língua portuguesa, a categoria gramatical de gênero é marcada, em muitos casos, pela oposição entre as formas masculina e feminina dos substantivos. De modo geral, o gênero masculino caracteriza-se pela ausência de marca morfológica específica (morfema zero), enquanto o gênero feminino é frequentemente assinalado pela presença do morfema flexional -a. Assim, observa-se a oposição entre pares como *professor/professora*, *mano/mano* e *mestre/mestra*, nos quais a forma feminina é construída mediante o acréscimo da desinência de gênero. Esse mecanismo evidencia que a concordância nominal em gênero na língua portuguesa se realiza por meio da

harmonização morfológica entre os elementos do sintagma nominal, permitindo a identificação das relações gramaticais entre os constituintes da frase.

1.3 Classificação das línguas bantu nos estudos linguísticos africanos

Na linguística africana, o termo bantu tem sido utilizado para aludir a um grupo maior de línguas da África sub-sahariana que apresentam propriedades linguísticas comuns, tal como aconteceu com as línguas europeias e asiáticas. A expressão bantu foi utilizada primariamente por Bleek (1851 *apud* Ngunga, 2004), que comparou diversas línguas da África sub-sahariana e chegou à conclusão de que os grupos de línguas estudados apresentavam propriedades linguísticas comuns. Bleek (1851 *apud* Ngunga, 2004, p. 29) confere crédito ao dissertado acima ao dizer que:

[...] foi Bleek (1851) quem, depois de ter chamado *nominal prefix languages* (línguas de prefixo pronominal) as línguas da África sub-sahariana que comparou e observou a existência de um sistema comum de concordância por meio de prefixos, utilizou pela primeira vez o termo *Bantu* para se referir a estas línguas.

Bleek (1851 *apud* Ngunga, 2004) chegou às conclusões das propriedades identitárias das línguas bantu utilizando o Xhosa como língua de base das reconstruções, a partir de comparações com as outras línguas. Com isso, permitiu conhecer-se a relação genética entre o Xhosa e as diversas línguas africanas ao sul do Equador.

O termo línguas bantu designa distintos povos e etnias cujas línguas apresentam semelhanças linguísticas, referindo-se a uma civilização africana da África negra que conserva a sua unidade linguística. Altuna (2014, p. 23), a respeito da elucidação conceitual do radical *bantu*, tece que:

O radical «ntu», comum a muitas línguas bantas, significa «homem, pessoas humanas». O prefixo «ba» forma o plural da palavra «Muntu» (pessoa). Portanto, «Bantu» significa «seres humanos, pessoas, homens, povo». G. Grey sugeriu, para a divisão das línguas africanas em classes, a designação de «línguas bantas», pensando que o radical «ntu» seria comum a todas elas. O prefixo «ba», forma do plural de primeira classe.

Na linguística hodierna, as línguas bantu compreendem um grupo de cerca 600 línguas faladas por mais 220 milhões de pessoas numa vasta região da África sub-sahariana que se estende desde os Montes Camarões (a sul da Nigéria) até a foz do Rio Tana (no Quênia), abarcando, desse modo, os seguintes países: África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Madagascar, Malawi, Moçambique, Namíbia, Quênia, República Democrática do Congo, Ruanda, Suazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbabwe. Há, ainda, nesses países, além das línguas bantu, enclaves de línguas, nomeadamente, Kboi, San e Hotentote (Kalahari), na África do Sul e em Namíbia; Maasai e Luo, no Quênia; Hadza, Iraqw e Maasai, na Suazilândia e na Tanzânia e talvez outras línguas (Ngunga, 2004; Patel; Majuisse; Tembe, 2019).

1.3.1 Classificação das línguas bantu segundo Guthrie

Guthrie, no seu trabalho sobre as línguas bantu (1967–1971), utilizou a classificação geográfico-genealógica das línguas, agrupando-as em 15 zonas codificadas por letras maiúsculas, nomeadamente, A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S. A esse respeito, Angenot e Amaral (2010, p. 5) acrescentam que Guthrie usou o método prático, que consistiu em constituir grupos linguísticos com base em critérios tipológicos. Ao todo, Guthrie distinguiu 15 zonas, 78 grupos linguísticos e 650 Línguas bantu. “Guthrie determinou uma série de critérios principais e

subsidiários, que permitem classificar as línguas bantu” (Angenot; Amaral, 2010, p. 4), tal como se discrimina a seguir.

1.3.1.1 Critérios principais das línguas bantu

Ter um sistema de gêneros gramaticais não inferior ao número de cinco, apresentando as seguintes características: (i) os indicadores de gênero devem ser prefixos, a partir dos quais os nomes devem ser distribuídos em classes cujos números variam de 10 a 20; (ii) as classes devem associar-se regularmente em pares que opõem o singular ao plural de cada gênero; (iii) ter um vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode deduzir que surgiram de uma língua comum; (iv) ter um conjunto de radicais invariáveis que se formam por meio de aglutinação de afixos; (v) não haver correlação entre gênero e a noção de sexo ou qualquer outra categoria semântica claramente definida; e (vi) quando uma palavra tem um prefixo independente (PI), prefixo nominal, como indicador de classe, toda palavra a ela subordinada deve concordar com ela por meio de um prefixo dependente (PD).

1.3.1.2 Critérios subsidiários das línguas bantu

Essas línguas têm um conjunto de radicais (RAD) invariáveis a partir dos quais a maior parte das palavras se forma por aglutinação de afixos, apresentando as seguintes características: (i) uma estrutura básica CVC; (ii) juntando-se-lhe sufixos gramaticais³ devem formar bases verbais (BV); (iii) juntando-se-lhe sufixos lexicais (sfn) devem formar temas nominais (TN); (iv) se um tema nominal tiver um gênero de duas classes, os fonemas e o padrão tonal do tema devem ser indicados nas duas classes; (v) entre o radical verbal e o sufixo deve ser possível inserir-se um sufixo derivacional chamado morfema de extensão (Ext); e (vi) os radicais devem aparecer sem afixos (Angenot; Amaral, 2010; Ngunga, 2004; Santana; Timbane, 2021).

1.3.1.3 Localização do cokwe nas zonas do domínio bantu segundo o mapa de Guthrie

As línguas bantu são agrupadas em 5 áreas maiores que correspondem a grupos individuais de línguas étnicas: (a) a área do Noroeste (NW), com as 3 zonas A, B, C; (b) a área do Sudoeste (SW), com as 3 zonas H, K, R; (c) a área do Centro (Ce), com as 4 zonas D, L, M, N; a área do Nordeste (NE), com as 4 zonas J, E, F, G; e a área Sudeste (SE), com 2 zonas P e S. Neste estudo, por razões sumárias, não são descritas todas áreas, apresenta-se, a seguir, apenas a área a que pertence a língua cokwe e a sua localização.

A língua cokwe é falada pelo grupo etnolinguístico tucokwe, formado pelas etnias Lunda-Lwaxinde, Lunda Ndembu, Malaba, Badinga e Mai. O grupo etnolinguístico tucokwe é constituído por povos de etnia bantu que se concentram no Nordeste de Angola e numa larga faixa que se estende até o Sul do país, mas também no extremo Sudoeste da República Democrática do Congo e no Noroeste da Zâmbia. Desse modo, a língua dos tucokwe é considerada transnacional. Kingui e Osório (2022, p. 23) confirmam-no ao apontarem que “a língua cokwe que é considerada como uma língua transnacional pelo facto da área de difusão se estender para além das fronteiras nacionais”. Em Angola, o cokwe é uma língua falada nas províncias da Lunda Sul, Lunda Norte e Moxico. Quanto à origem e ao agrupamento no tronco das línguas africanas, o cokwe é uma língua do tronco bantu da família Niger-kordofan, da sub-família Niger-kongo. O cokwe apresenta como o seu principal elemento caracterizador a flexão por prefixação para a indicação de gênero e de número. A esse respeito, Barbosa (2012, p. 18) diz que:

O cokwe é uma língua prefixativa, isto é, a flexão das palavras processa-se por meio de prefixos. Os nomes ou substantivos apenas variam ou mudam de forma quanto ao número, embora nem todos. É o prefixo nominal que determina o

prefixo de todas as outras palavras em relação ou concordância com um determinado nome.

O cokwe é uma língua de base 10⁴, e apresenta ao todo 13 classes nominais, que servem como prefixos para a oposição entre o singular e o plural. Geográfico genealógicamente, por situar-se a Nordeste de Angola e pela sua transnacionalidade com a Zâmbia e com o Congo Democrático, pode copular-se à Zona K, compreendendo, desse modo, o Congo-Kinshasa, a Angola, a Zâmbia e a Namíbia.

1.3.2 Estrutura comparativa da concordância nominal do português e do cokwe

A língua portuguesa, do ramo itálico da família das línguas indo-europeias, diferencia-se da língua cokwe, língua bantu da família Niger-kordofan, da sub-família Niger-kongo. Os padrões de concordância nominal da língua portuguesa são, geralmente, caracterizados pela reiteração de morfemas entre a palavra determinada e a palavra determinante, ao passo que os padrões de concordância nominal da língua cokwe são caracterizados pela anteposição do prefixo ao nome ou adjetivo para a indicação do plural (Chicuna, 2018), tal como se verifica no Quadro 01, a seguir.

Quadro 01 – Estrutura comparativa de concordância nominal do português e do cokwe

SISTEMA LINGUÍSTICO COKWE				SISTEMA LINGUÍSTICO PORTUGUÊS			
Categoria	Morfema		Exemplos	Categoria	Morfema		Exemplos
	Sing.	Plural			Sing.	Plural	
Número	<i>Ka</i>	<i>Tbu</i>	<i>Kathongonoxi</i> <i>Tbuthongonoxi</i>	Número	zero	S	Estrela Estrelas
	<i>Mu</i>	<i>A</i>	<i>Mukeweze</i> <i>Akeweze</i>		Zero	S	Jovem Jovens
	<i>Mu</i>	<i>E</i>	<i>Muiji</i> <i>Eji</i>		Zero	S	Ladrão Ladrões
SISTEMA LINGUÍSTICO COKWE				SISTEMA LINGUÍSTICO PORTUGUÊS			
Categoria	Morfema		Exemplos	Categoria	Morfema		Exemplos
	Masc.	Femin.			Masc.	Femin.	
Gênero	<i>Lunga</i>	<i>Pwó</i>	<i>Mwana wa lunga</i> <i>Mwana wa pwó</i>	Gênero	zero	a	Filho Filha
	<i>Lunga</i>	<i>Pwó</i>	<i>Sepha wa lunga</i> <i>Sepha wa pwó</i>		zero	a	Amigo Amiga
	<i>Lunga</i>	<i>Pwó</i>	<i>Donge wa lunga</i> <i>Donge wa pwó</i>		Zero	a	Aluno Aluna

Fonte: elaboração dos autores (2025)

O Quadro 01 demonstra os fenômenos diferenciadores dos aspectos da concordância de número e de gênero entre a língua portuguesa e a língua angolana cokwe.

2 Procedimentos metodológicos do estudo

No sentido de procurar-se alcançar os objetivos preconcebidos do referente artigo, seguiu-se um percurso de pesquisa de viés qualitativo-descritivo. Para Oliveira (2011, p. 24), “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. O mesmo autor prossegue articulando que “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada via de regra, por meio do trabalho intensivo de campo. Os dados coletados são predominantemente descritivos” (Oliveira, 2011, p. 24). Para a recolha da informação, utilizou-se a técnica de produção

textual induzida, que consistiu em levar à sala de aula dois textos de autores consagrados da literatura angolana e uma atividade de contação de história previamente selecionada pelo pesquisador. O objetivo da técnica de produção textual induzida e de contação de história é o de preparar os alunos para a escrita do próprio texto, pois o ato de escrever não é em si mesmo um ato mecânico. Nesse sentido, Gomes (2011, p. 120) sustenta que “escrever é um ato que exige empenho e trabalho, e não um ato espontâneo – escrever, como já exposto anteriormente, é um ato que exige muito esforço e dedicação”. Conseqüentemente, esse fato é um trampolim que arreda este trabalho à pesquisa qualitativa.

O contexto da pesquisa é o Magistério 4 de Abril do Moxico. A sua população compreende alunos com idade entre os 14 e os 22 anos de idade. É uma escola vocacionada à formação de professores para os níveis iniciais de ensino, nomeadamente o Subsistema de ensino Pré-escolar e o Subsistema de ensino geral. Do ponto de vista geográfico, a escola localiza-se no bairro 4 de Abril, ao norte da cidade do Luena, província do Moxico. Delimita-se ao norte com o Quartel dos bombeiros, ao leste com a Maternidade provincial do Moxico, ao sul com o Puniv 11 de Novembro e ao oeste com a Escola de Formação de Técnicos de Saúde do Moxico.

Para que os alunos participem do desenvolvimento do estudo, estabeleceram-se alguns requisitos, a saber: i) ser aluno do Magistério 4 de Abril do Moxico; ii) fazer parte das turmas nas quais os pesquisadores exerceram a atividade magisterial; iii) estar no 11º ano dos cursos de ensino de língua portuguesa e Educação moral e cívica, de Ensino primário, e de Biologia e Química; e iv) estar disponível para participar ativamente dos módulos de pré-produção textual.

Com o objetivo de obter os textos para a análise do processo de concordância nominal em produções de alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico, selecionaram-se quatro turmas das 11^{as} Classes do aludido Magistério, das quais, duas eram do curso de Ensino da língua portuguesa, uma do curso de Ensino primário e uma do curso de Ensino de Biologia e Química. A amostra foi de 60 alunos, compreendendo 15 por cada turma, conseqüentemente, o *corpus* de análise foi constituído por 60 textos, dentre os quais se retirou a amostra de 40 textos, cujo critério de seleção foi apresentar mais dificuldades de construção textual. Do processo de triagem dos 40 textos, acharam-se 21 nos quais o fenômeno estudado se manifesta com maior frequência.

3 Análise e discussão dos resultados: influências morfossintáticas do cokwe na concordância nominal da língua portuguesa

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos com base nas informações fornecidas pelos textos produzidos pelos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico, concorrendo para justificar as afirmações feitas ao longo do artigo. A população estudada é oriunda de todos os municípios do Moxico. O mosaico linguístico compreende os Tucokwe, Tuvale, Ovimbundu, Lunda Dembo, Tulucaze, Tubunda e outros grupos etnolinguísticos. A população tem como língua primeira uma língua africana bantu, com predomínio para o cokwe. Do ponto de vista social, a população é, na sua maioria, residente em bairros suburbanos da cidade do Luena e oriunda de famílias de classe de baixa renda (pobre) e da classe média.

Os textos não são transcritos de modo global, transcrevem-se apenas as frases portadoras do fenômeno linguístico em análise. Para a identificação de onde foram retirados os fenômenos, nos quadros e tabelas a seguir, apresentam-se as frases seguidas de códigos finais que indicam o número de texto e de módulo a que pertencem. Por conseguinte, T1 M1 corresponde ao texto 1, do módulo 1; T2 M2 corresponde ao texto 2, módulo 2; T3 M3 equivale ao texto 3, módulo 3; e T4 M4 equivale, respectivamente, ao texto 4, módulo 4.

3.1 Registo de ausência de concordância nominal de número e gênero em textos de alunos

O emprego da variação da concordância nominal em relação a elementos à esquerda do núcleo do sintagma nominal apresenta-se distribuído em três classes, quais sejam: i) caso haja

apenas um único constituinte pré-nuclear flexionável, este recebe o morfema flexional de número plural; ii) se houver dois constituintes pré-nucleares flexionáveis, sucedem duas situações. Geralmente, o que estiver na posição 1 recebe o morfema flexional de número plural e o que estiver na posição 2 pode recebê-lo ou não; iii) caso se tenham três constituintes pré-nucleares, os que estiverem nas posições 1 e 2 recebem o morfema flexional de número plural e se cancela o mesmo morfema no constituinte da posição 3 (Vieira; Brandão, 2009). Vejamos a Tabela 01 e o Quadro 02 a seguir.

Tabela 01 – Ausência de concordância nominal em relação a elementos à esquerda do núcleo

Nº de constituintes pré-nucleares	Módulo 1 Nº	Módulo 2 Nº	Módulo 3 Nº	Módulo 4 Nº	Total
1. Um constituinte	4	2	3	4	13
2. Dois constituintes	5	0	2	0	7
3. Três constituintes	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Quadro 02 – Ausência de concordância nominal em relação a elementos à esquerda do núcleo

Representação dos fenômenos analisados	
Nº de constituintes pré-nucleares	<p>Um constituinte</p> <p>1 – Todos somos amigo e vizinho (T1 M1); 2 – Minhas vizinhas apesar dos rapaz ser gatuno (T4 M1); 3 – Onde a maioria dos jovem (T6 M1); 4 – Ficava toda hora nas mão (T5 M2); 5 – Me preparava e faziam aqueles pocinho (T5 M2); 6 – que ultimamente afecta varias família (T1 M3); 7 – Todos jovem estão muito focados.(T2 M3); 8 – As pessoa eram curiosa a saber (T1 M4); 9 – a ser procurado nas autoridade policiais (T1 M4); 10 – Tantas fofoca. (T4 M4).</p>
	<p>Dois constituintes</p> <p>1 – Todo os dias (T1 M1); 2 – Deixa os seus marido (T4 M1); 3 – E ver as minha vizinha daquele jento (T4 M1); 4 – todos só ficam nos seus quintal (T5 M1); 5 – e as nossa dimensões geográfica (T7 M1); 6 – Estão muito focados nos seus empreendimento. (T2 M3); 7 – para manter o seus equilíbrio emocional (T5 M3).</p>

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Na Tabela 01 e no Quadro 02, observa-se que, na escrita dos alunos, predomina a marcação da concordância nominal nos elementos pré-nucleares (determinantes artigos, pronomes possessivos, demonstrativos e outros similares). Eles se escusam de redundar o morfema flexional de marcação de número no elemento nuclear ou determinado (substantivos ou palavras de valor substantivo). Esse fenômeno é denominado de posição linear do sintagma, ou seja, tal hipótese enfatiza a contribuição da morfossintaxe africana no português popular do Brasil, porquanto as línguas africanas faladas pelos brasileiros oriundos de África, no início da fundação da nacionalidade brasileira, não apresentavam flexão de plural e expressavam a pluralidade por meio de algum elemento no início do núcleo (Naro; Scherre, 2007).

Os dados do Quadro 02 permitem a análise sob o ângulo das influências interlinguísticas, sobretudo da influência linguística da língua cokwe no Português. Na língua cokwe, o plural e o singular são construídos por meio de prefixos dependentes e independentes responsáveis por indicar a categoria de gênero e de número, conseqüentemente, sendo o cokwe a língua primeira da maioria dos produtores dos textos, isso pode exercer uma influência sobre a língua portuguesa. Vejamos, a seguir, a Tabela 02 e o Quadro 03.

Tabela 02 – Registo da ausência de concordância nominal em relação a elementos pré-nucleares com valor semântico de quantificador à esquerda do núcleo

Constituintes pré-nucleares	Módulo 1 N°	Módulo 2 N°	Módulo 3 N°	Módulo 4 N°	Total
1. Numeral/ similar	4	0	0	0	4

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Quadro 03 – Registo da ausência de concordância nominal em relação a elementos pré-nucleares com valor semântico de quantificador à esquerda do núcleo

Representação dos fenômenos linguísticos		
Constituintes quantificadores pré-nucleares	Construções frásicas	1 – Ficou lá por três mês (T2 M1); 2 – A vizinha Rosa em sua casa foram pego dois ladrão (T3 M1); 3 – Temos (3) três escola (T7 M1); 4 – e duas construída pelo nosso estado angolano. (T7 M1).

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Os estudos contatados para justificar as construções linguísticas dos textos dos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico dão conta de que o emprego da variação da concordância nominal na língua portuguesa em relação a elementos com valor semântico de quantificadores ou quando expressam uma noção plural na posição pré-nuclear tendem, na comunicação quotidiana, ao cancelamento da marca de número no elemento nuclear do sintagma, observando-se, como mostra o Quadro 03, uma ausência natural de reiteração no elemento determinado (Vieira; Brandão, 2009). Quanto aos dados da Tabela 02, estes concorrem para a afirmação feita na descrição das línguas bantu e, sobretudo, da língua cokwe, na qual as expressões com valor numérico (quantificadores ou numerais) são igualmente prefixais. A concordância entre o elemento numérico pré-nuclear do sintagma e o elemento nuclear do sintagma é feita com recurso a prefixos (Barbosa, 2012). Vejamos, a seguir, a Tabela 03 e o Quadro 04.

Tabela 03 – Registo da ausência de concordância nominal em relação a adjetivos na posição pós-nuclear

Constituinte adj. pós-nuclear	Módulo 1 N°	Módulo 2 N°	Módulo 3 N°	Módulo 4 N°	Total
1. Adjetivo/ similar	3	4	4	6	17

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Quadro 04 – Ausência de concordância nominal em relação a adjetivos na posição pós-nuclear

Representação dos fenômenos linguísticos		
Constituintes adjetivais pós-nucleares	Construções frásicas	1 – As pessoas quando estavam bebada fazem lutas entre eles (T3 M1); 2 – E também falando das condições financeira como as escola (T7 M1); 3 – De quando olhávamos as estrelas cadente (T1 M2); 4 – Os visinhos de outros bairros se tornaram jardineiro (T3 M2); 5 – Os beijos tão amargo (T4 M2); 6 – Os amigos outros são bem educado e outros nem sabem conviver (T2 M3); 7 – As ruas silenciosa do meu bairro (T3 M3); 8 – As pessoa eram curiosa a saber (T1 M4); 9 – Vila - luso, é um dos bairros mais querido (T2 M4); 10 – Casas definitivas e bem arquitetado (T2 M4).

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Na Tabela 03 e no Quadro 04, dá-se a saber que a variação da concordância em número entre os nomes/substantivos (elementos determinados ou nucleares) e os adjetivos (elementos

determinantes) ocorre com maior frequência na posição linear. Em língua portuguesa, a posição linear do adjetivo é pós-nominal e, conseqüentemente, apresenta maior susceptibilidade de variação linguística. Outrossim, importa salientar, tal como se viu na descrição acima, que, em cokwe, a ocorrência de expressões com valor adjetivo segue o substantivo e a ela está ligada por meio de um prefixo que distingue o plural do singular. Portanto, esses argumentos favorecem a construção dos alunos em que se centra a marca de plural apenas no elemento nuclear, furtando o morfema flexional de número no elemento com função adjetiva da frase. Vejamos, a seguir, a Tabela 04 e o Quadro 05.

Tabela 04 – Registo de ausência de concordância nominal em relação ao gênero das palavras

Concordância em gênero	Módulo 1 N°	Módulo 2 N°	Módulo 3 N°	Módulo 4 N°	Total
1. Nome/similar	2	0	0	1	3

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Quadro 05 – Ausência de concordância nominal em relação ao gênero das palavras

Representação dos fenômenos linguísticos	
Concordância em gênero	Ocorrências frásicas 1 – ainda vamos falar primeiro como esta constituído alto Luena na mapa (T7 M1); 2 – As pessoas quando estavam bebida faziam lutas entre eles (T3 M1); 3 – A tia Holana é uma senhor muito boa. (T4 M4).

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Os dados transcritos na Tabela 04 e no Quadro 05 apresentam a variação da concordância quanto ao gênero das palavras. Desse modo, assiste-se a construções linguísticas em que podem ser aludidas duas possibilidades em seu favor. Primeiramente, assiste-se a uma construção em que as palavras são confundidas pela natureza da sua terminação, isto é, há uma possibilidade que conduz o sujeito por detrás da tecitura do texto a pensar que as palavras terminadas em morfema “a” são todas do gênero feminino, como em “ainda vamos falar primeiro como está constituído o alto luena na mapa [...]”. A segunda possibilidade de construção que se afasta da concordância em gênero é sugerida pela língua primeira da maioria dos alunos, porquanto em cokwe a maioria dos nomes/substantivos muda de forma unicamente quanto ao número, permitindo que os prefixos sejam responsáveis pela distinção entre o gênero masculino e feminino. Assim, a coabitação entre as duas línguas permite o processo de influências do sistema linguístico primário para o secundário.

Considerações finais

À maneira conclusiva, o artigo possibilitou efetuar o levantamento dos fatores que presidem a construção morfossintática da concordância nominal dos alunos do Magistério 4 de Abril do Moxico por meio das atividades de produção textual levadas a cabo. As hipóteses formuladas confirmaram-se no andamento do artigo, pois os resultados espelham o cancelamento do morfema flexional de número e de gênero no elemento nuclear do sintagma nominal na construção morfossintática da frase e da oração, dando privilégio, portanto, à construção morfossintática prefixal. Constatou-se, igualmente, que a variação morfossintática do processo de concordância nominal é influenciada por fatores linguísticos, entre estes, a posição linear do sintagma e a distância entre o elemento determinante e o elemento determinado; bem como por fatores interlinguísticos, nomeadamente a influência da língua angolana cokwe e de outras línguas cujos sistemas se presentificam na língua portuguesa. As influências morfossintáticas das línguas angolanas localizam-se no sintagma nominal da língua portuguesa e manifestam-se na construção morfossintática da frase e da oração. No que respeita à concordância de gênero, verificou-se que,

por influências intra e interlinguísticas, os falantes tendem a atribuir o gênero às palavras considerando, por vezes, o seu morfema final e, em outras situações, a influência dos mecanismos prefixais característicos das línguas angolanas. Dada a limitação temporal da pesquisa, não foi possível testar todas as variáveis envolvidas no fenômeno estudado.

Em conclusão, as orientações didático-pedagógicas no ensino da língua portuguesa em Angola privilegiam o ensino da norma padrão europeia. Contudo, as dificuldades observadas na aprendizagem dessa variedade linguística evidenciam a necessidade de considerar as especificidades do contexto sociolinguístico angolano, marcado pelo plurilinguismo e pelo contato permanente entre o português e as línguas nacionais. Nesse processo, os estudos linguísticos desenvolvidos em Angola podem contribuir para uma melhor compreensão das influências das línguas angolanas na constituição do português falado no país, favorecendo descrições mais adequadas das diferentes normas e variedades linguísticas em circulação. Assim, torna-se possível compreender a diversidade linguística que caracteriza o português de Angola, reconhecendo a coexistência de diferentes formas de uso da língua e suas relações com os contextos históricos, sociais e culturais em que se inserem.

Nesse contexto, o ensino da língua portuguesa em Angola também pode ser analisado a partir das relações entre língua, escola e diversidade linguística. Os resultados deste estudo evidenciam a importância de considerar as variedades linguísticas efetivamente utilizadas pelos alunos e os efeitos do contato linguístico na constituição do português angolano. Tal perspectiva contribui para uma compreensão mais ampla dos fenômenos linguísticos observados no contexto escolar e para o reconhecimento da diversidade linguística presente na sociedade angolana.

Nessa perspectiva, importa destacar que muitas das dificuldades enfrentadas pelos alunos não decorrem de uma suposta deficiência linguística, mas do conflito entre a variedade linguística que utilizam em seus contextos socioculturais e a variedade legitimada pela escola. Conforme explica Bagno (2007), o preconceito linguístico manifesta-se quando determinadas formas de falar são estigmatizadas em razão do prestígio social atribuído aos seus falantes, produzindo mecanismos de exclusão e discriminação. Faraco (2008), por sua vez, ressalta que toda comunidade linguística é marcada pela coexistência de diferentes normas, não havendo fundamento científico para considerar uma variedade intrinsecamente superior a outra. De igual modo, Bortoni-Ricardo (2005) defende que a escola deve reconhecer e valorizar a diversidade linguística dos alunos, promovendo o ensino da norma culta sem desqualificar as variedades de origem dos aprendentes. No contexto angolano, marcado pelo plurilinguismo e pelo contato entre o português e as línguas bantu, a superação do preconceito linguístico constitui condição fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, capazes de transformar a diversidade linguística em recurso para a aprendizagem, e não em fator de exclusão escolar.

Referências Bibliográficas

ADRIANO, Paulino Soma. *A crise normativa do português em Angola: cliticização e regência verbal*. Luanda: Damer, 2015.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional bantu*. 2. ed. Luanda: Paulinas, 2014.

ANGENOT, GERALDA de Lima Vitor.; AMARAL, Gustavo Gurgel. Classificação tipológica e genealógica das línguas africanas. In: TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da; ANGENOT, Jean-Pierre (org.). *Afros Amazônicas – Estudo sobre o negro na Amazônia*. São Paulo: WB, 2010. p. 205-220. v. 1.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

- BARBOSA, Adriano Correia. *Noções básicas de gramática cove*. Luena: Diocese de Lwena, 2012.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegueu na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo. *Portuguesismos nas línguas bantu*. Lisboa: Colibri, 2018.
- COSERIU, Eugenio. Sistema, Norma e Fala. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTAS, 6., 1959-1960, Calhabé-Coimbra. *Anais [...]*. Calhabé-Coimbra: datilografado por Mário da Silva e Sousa, 1959-1960.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia de ensino de língua portuguesa*. Curitiba: Ibpx, 2011.
- GUTHRIE, Malcolm. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. 4 v. Farnborough: Gregg International Publishers, 1967-1971.
- KINGUI, António; OSÓRIO, Paulo. A situação (geo)linguística de Angola. In: OSÓRIO, Paulo (coord.). *Da fonologia à lexicografia: elementos para uma gramática do português de Angola*. Portugal: Humus, 2022. p. 19-33.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origem do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- NGUNGA, Armindo. *Introdução à linguística bantu*. 2. ed. Maputo: Imprensa Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2004.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão: UFG, 2011.
- PATEL, Samina; MAJUISSE, Atanásio; TEMBE, Félix. *Manual de línguas moçambicanas formação de professores do Ensino primário e Educação de Adultos*. Maputo: DNFP; INDE, 2019.
- SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre Antonio. Considerações sobre o português angolano e o preconceito linguístico em Angola. *Revista Philologus*, [s. l.], v. 27, n. 80, p. 67-90, 2021.
- THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California, 1988.

TIMBANE, António Alexandre. Evidências sociolinguísticas da variedade angolana do português e o combate ao preconceito linguístico. *In: ALEXANDRE, António Timbane; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (org.). O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino.* São Paulo: Opção Livros, 2021. p. 55-80.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Ensino de Gramática: descrição e uso.* São Paulo: Contexto, 2009.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems.* New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

Submetido em 30/07/2025

Aceito em 25/06/2026